

# Guarani-guaranis, uma parceria diferente

Clube se associa a tribo indígena para educar jogadores e torcida segundo a filosofia guerreira

AIRTON GONTOW  
Especial para o Estado

Depois da feliz união Palmeiras-Parmalat, um novo tipo de parceria está surgindo no futebol brasileiro. Na última quarta-feira, o presidente do Guarani de Campinas, Beto Zini, e o índio Kaka Werá, txukarramãe, ligado entre os guaranis, se encontraram no estádio Brinco de Ouro para acertar detalhes de um acordo inédito. Kaka Werá e outros de sua tribo vão cooperar com o clube ensinando sua história, filosofia e gritos de guerreiros — que invocam força interna — para jogadores e torcidas uniformizadas. Já o campeão brasileiro de 78 se compromete a auxiliar materialmente os índios.

A idéia partiu de Beto Zini, quando viu, há duas semanas, Kaka Werá num programa de televisão falando sobre o livro que lançou recentemente ("Todas as vezes que dissemos adeus"). O presidente do Guarani não perdeu tempo. Na manhã seguinte ligou para a produção do programa e pediu os números de telefone para contactar o escritor. À tarde, Kaka Werá já estava em Campinas. "O nome do nosso time é Guarani, às vezes também chamado de Bugre, e por mais absurdo que possa parecer, não sabemos nada sobre os guaranis", disse Zini ao índio. "Gostaria que você me contasse quantos vocês são, como vivem, sua história... essas coisas."

Kaka Werá respondeu que até pouco tempo atrás vivia na aldeia de Krukutu, a 60 quilômetros do Centro de São Paulo, às margens da represa Billings. Vivem ainda no local cerca de 80 guaranis. O bairro de Parelheiros fica próximo e sua expansão torna cada vez mais difícil para os índios encontrarem na natureza a fonte de seus recursos. "Vivemos precariamente do artesanato, venda de palmito, rã e pesca", conta. "É muito duro, já que o rio está poluído e a terra não é fértil". Existem ainda outras seis aldeias espalhadas em um belo trecho do litoral paulista, de Peruibe a Ubatuba, totalizando aproximadamente 1.200 guaranis. "Lá a situação também é extremamente grave", disse Kaka, para ouvir de Zini que o clube queria acertar um acordo de cooperação com os guaranis.

**Violência, não** — Kaka é destas pessoas que ouve muito e fala pouco. E mesmo quando fala, pensa muito antes de dar sua opinião. Às vezes consulta os espíritos das florestas. Após alguns minutos em silêncio, respondeu: "Aceito, mas a condição é que eu passe para jogadores e torcidas organizadas a nossa filosofia de não violência". Ele lembrou que Guarani significa guerreiro do sol. "E somos guerreiros no sentido de ir à luta, de aprender no processo da luta", explicou. "Os guaranis jamais destruíram ou agrediram, a não ser quando os chamados conquistadores já tinham matado mais de 70% do meu povo". Kaka dá os números do extermínio: somente nas Missões, existiam cinco milhões de guaranis.

Zini e Kaka Werá ficaram de estudar o assunto para a reunião seguinte. Na quarta-feira à tarde, um carro do Guarani foi até São Paulo buscar o índio para o segundo encontro. Kaka chegou a Campinas com um cocar de penas de papagaio na cabeça, colares de conchas e sementes. Na bolsa de palha, uma camisa número dez do Guarani. A reunião com Zini foi rápida e o dirigente deixou a sala eufórico. "O Kaka e os outros guaranis são símbolos da nossa tradição, são os representantes da própria história do clube". O presidente incluiu imediatamente entre seus planos levar os índios para assistir a alguns jogos. "Eles também podem receber nossos novos contratados de forma original", imaginou. "Se o Corinthians toca sirenes, por que não podemos colocar os guaranis cantando e dançando para os craques que chegarem ao clube?".

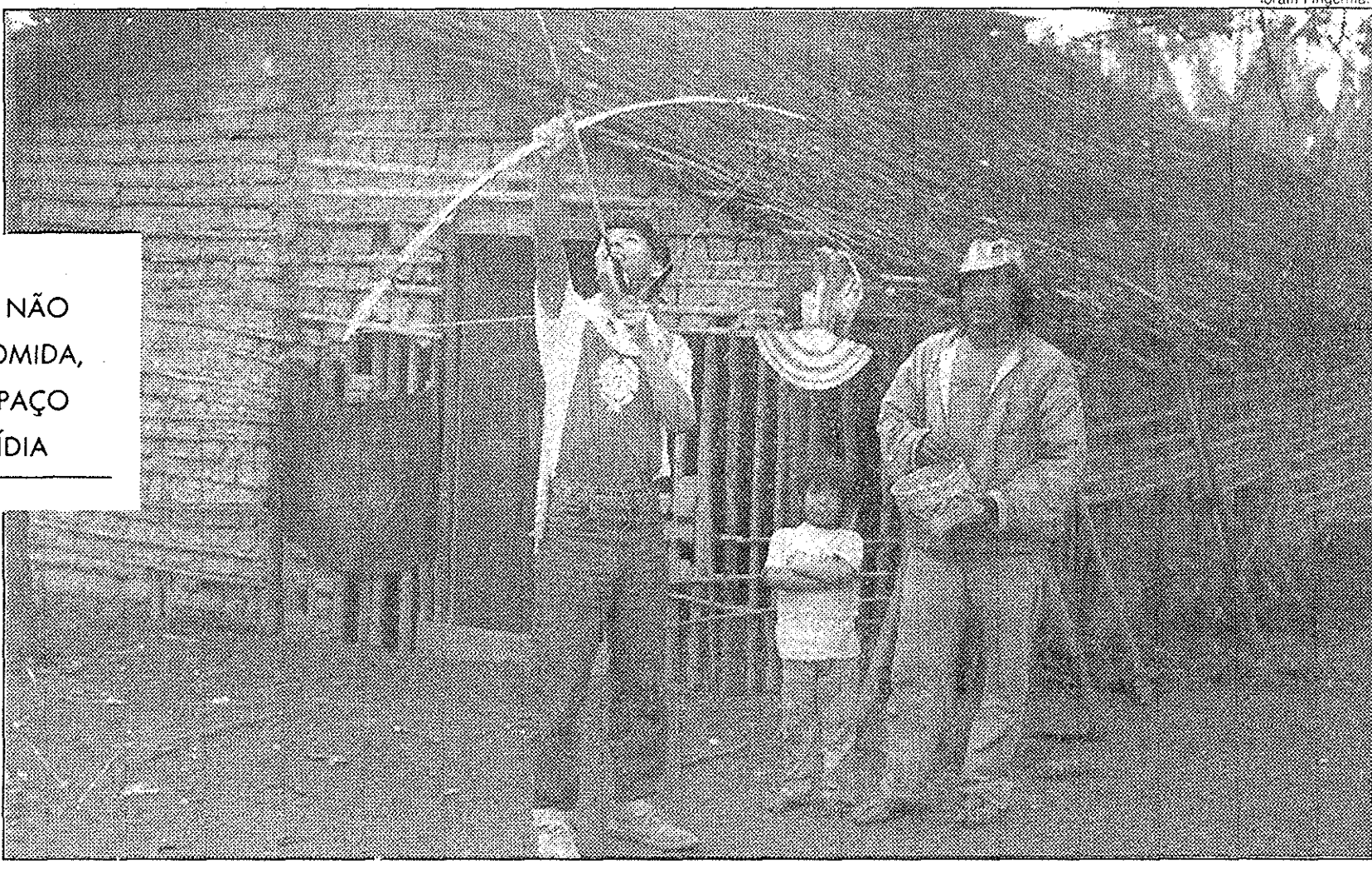
Participaram ainda da reunião Roberl Tadeu Datovo e Adriano Vieira, presidentes da Guerreiros da Tribo e da Força Jovem, as duas maiores torcidas organizadas do clube. Zini também tem planos pa-



O guarani Kaka Werá se junta aos torcedores bugrinos: campanha para divulgar a filosofia da não-violência nas arquibancadas



O presidente Beto Zini e o seu sócio indígena — fumando o "Petengá" — torcem pelo sucesso guarani nas tribunas do Brinco de Ouro



Vestido com a camisa do Bugre, Kaka Werá treina a pontaria no arco e flecha, observado por guaranis curiosos de sua aldeia

## O reforço que o técnico não esperava

O técnico do Guarani, Carlos Alberto Silva, já achava que havia conseguido reforços suficientes para ajudar a campanha de sua jovem equipe (média de 23 anos) no Campeonato Brasileiro. Ganhou agora um reforço espiritual fora do campo. A associação do clube com os índios guaranis lhe agradou. "Kaka Werá e os outros índios têm muito o que transmitir

para os jogadores, torcedores e para mim também", disse o treinador.

O encontro entre Kaka e Carlos Alberto começou de forma constrangedora, na sala do técnico, quinze minutos antes do início da partida. Os dois ficaram em silêncio durante alguns segundos, sem ter o que dizer um para o outro. O treinador quebrou o gelo, contando que havia

visto Kaka na televisão. "Fiquei muito impressionado com sua fluência e conhecimentos", disse, sorrindo. "Você é formado?" O índio rebateu: "Não, sou informado". Muito simpático, Carlos Alberto Silva fez várias perguntas a Kaka Werá e concluiu: "Esses projetos, essas parcerias, deveriam acontecer sempre no futebol". Em sua opinião, as empresas patrocinadoras dos clubes

podem fazer parte de iniciativas como esta. "É tudo o que se fizer de pouco", falou o treinador. "Os índios estavam aqui antes de todo mundo, e hoje todos querem se aproveitar deles; ninguém quer lhes dar nada." Carlos Alberto espera que a parceria dê certo. "Nos duas direções, eles trazendo benefícios para nós e a gente divulgando a causa deles", afirmou.

ra as torcidas que, em outros clubes, são conhecidas pela violência. "Algumas reúnem um bando de vândalos e marginais", diz. "As nossas têm um comportamento exemplar, mas queremos que sejam ainda melhores, guerreiras e pacíficas". Como sempre acontece quando se discute violência nos estádios, os líderes das torcidas garantem que já fumaram o cachimbo da paz. "Seremos uma torcida diferente, que receberá com cortesia os torcedores que vierem de fora", garante Datovo, da Guerreiros da Tribo. E filosofa: "O acordo com os guaranis vem a calhar com meus pensamentos de auras positivas". Datovo diz que sempre foi ligado a coisas sobrenaturais. "O homem é comandado por forças e nossa associação com os índios vai ajudar bastante, já que o futebol é cheio de mística".

**Energia axé** — Adriano Vieira, da Força Jovem, segue a mesma linha: "Vamos ser uma torcida aguerrida, mas pacífica". Para ele, a parceria com os guaranis é um grande incentivo para o clube: "Índio é tudo força, é tudo energia, como o axé na Bahia". Ao lado dos torcedores, Zini também apela para o misticismo: "Eles representam nossas raízes, nossas forças da mata, que certamente vão proteger o clube", discursa. "O mais importante de tudo é o lado espiritual, mas além disso o acordo vai projetar bastante o clube na mídia".

**NO ESTÁDIO,  
O TORCEDOR  
PERGUNTA: 'É  
CARNAVAL?'**

Em troca, como gratidão, Zini promete mandar alimentos para a aldeia e ajudar os índios de alguma forma.

O grande problema da parceria é que os índios não parecem mais dispostos a receber espelhinhos de presente, como nos tempos do descobrimento. Experiência, culto, Kaka não se emociona com a primeira coisa com que o homem branco lhe acena. Ele tem consciência de que os índios vão gerar recursos e promoção para o Guarani. "Não queremos receber em troca comida ou agasalhos", avisa. "O importante é que o Guarani dê apoio a nossos projetos de apicultura, de recuperação do solo, de construção de tanques de piscicultura". O projeto em que os guaranis estão engajados é o do reequilíbrio ambiental. "O conceito de pobreza da civilização não é o mesmo que o nosso", explica. "Os guaranis não são pobres porque deixam de viver em grandes casas, porque não têm carros e roupas caras, mas porque o rio está poluído e não dá para pescar, porque a terra é infértil e não dá para plantar... enfim, porque não há equilíbrio ambiental."

Surpreso com as palavras de Kaka, Zini desconversou e deixou os detalhes para novas reuniões. Levou o índio para conhecer o clube e o apresentou como um torcedor símbolo. Mostrou Kaka para dirigentes, torcedores, atletas e para o técnico Carlos Alberto Silva. Contou que em breve os torcedores da Guerreiros da Tribo, da Força Jovem e da Lança Verde — a outra torcida do clube — estarão usando uma tiara especialmente desenhada por Kaka. Depois, Zini levou Kaka Werá para dentro do estádio, onde assistiram à suada vitória do Guarani sobre o Remo, por 1 a 0, gol de Djalminha. No caminho para a parte especial do Brinco de Ouro, já trajando a camisa 10 do Guarani, Kaka percebeu que não será uma tarefa fácil transmitir sua filosofia para os torcedores. "Os índios vem aí, é o Carnaval chegando", gritou José Carlos Roque de Oliveira, o Bozó, 33 anos, que diz ser integrante da Força Jovem.

**Futebol no sangue** — Kaka Werá assistiu à partida em silêncio, ouvindo as observações de Beto Zini e fumando o "Petengá", espécie de cachimbo que, segundo ele, traz bons fluidos. Apesar de confiante, ficou angustiado com as oportunidades de gol perdidas. No intervalo, quando ainda estava zero a zero, confidenciou que na adolescência era um dos destaques da sua equipe formada por índios guaranis, onde jogava como ponta-esquerda ou ponta de lança. "O nome do time era 'Só perde se quiser', contou, sorrindo. Após o jogo, feliz com os dois pontos conquistados, mostrou que de engenhador não tem nada. Perguntado sobre qual o seu time de coração, imitou os jogadores que chegam a novas equipes: "Sou Guarani desde pequenininho..."